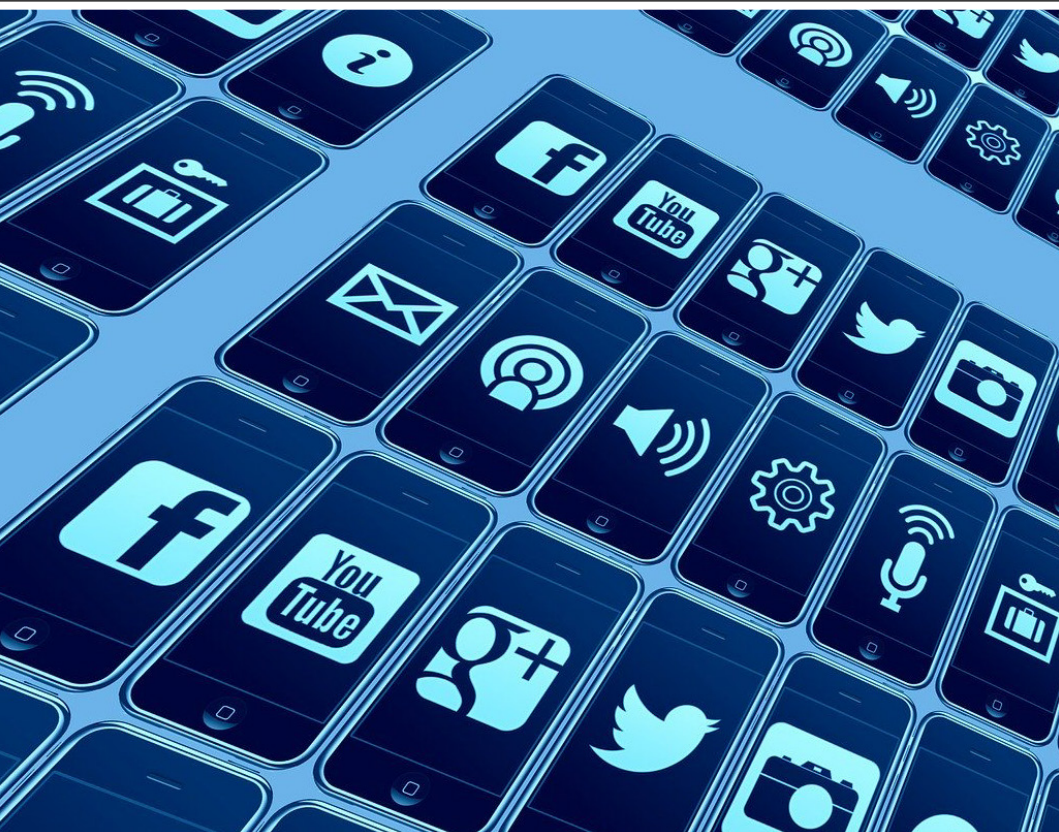


# Cadernos **IHU***ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
ano 18 • nº 302 • vol. 18 • 2020



## Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas

Renata Tomaz



**UNISINOS**

# Cadernos **IHU***ideias*

## **Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas**

Renata Tomaz

Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano  
da Universidade Federal Fluminense - UFF e doutora e mestre em  
Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

**ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)**  
**ano 18 • nº 303 • vol. 18 • 2020**



**Cadernos IHU ideias** é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## **UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** Pedro Gilberto Gomes, SJ

### **Instituto Humanitas Unisinos**

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Nestor Pilz

**ihu.unisinos.br**

## **Cadernos IHU ideias**

Ano XVIII – Nº 302 – V. 18 – 2020

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

**Responsável técnico:** Bel. Guilherme Tenher

**Imagem da capa:** Arte IHU

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Editoração:** Ricardo Machado

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .  
v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Biblioteca responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

# MÍDIA, INFÂNCIA E SOCIALIZAÇÃO: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

***Renata Tomaz***

Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia  
e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense - UFF  
e doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de  
Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

## **Introdução**

O filme *O capitão fantástico*, de 2016, conta a história de uma família que decidiu criar os seis filhos em uma floresta, na região montanhosa de Washington, costa oeste dos Estados Unidos, sem depender dos mecanismos políticos, econômicos, sociais e culturais vigentes. Eles comem o que plantam e caçam, têm uma rotina dura de exercícios físicos, sabem lutar e usar armas forjadas por eles mesmos, tocam instrumentos e cantam, cuidam uns dos outros e recebem conhecimentos de filosofia, sociologia, história e antropologia por meio de uma literatura clássica. Não celebram o Natal, mas festejam o aniversário de Noam Chomsky, o renomado linguista, filósofo e sociólogo estadunidense.

A ideia inicial de crianças e adolescentes que vivem – muito bem por sinal – sem computadores, videogames, aparelhos de TV, celulares, fast-food, bullying, consumismo, obesidade ou déficit de atenção soa inicialmente como algo idílico, maravilhoso, fantástico. O roteiro dirigido por Matt Ross, todavia, não apresenta um elogio ao isolamento social. Pelo contrário, revela os conflitos que envolvem as escolhas feitas pelo casal Ben e Leslie, interpretados por Viggo Mortensen e Trin Miller, respectiva-

mente. Mais do que isso, a obra tem o mérito de nos levar a pelo menos um questionamento: que processos de socialização estão operando nas sociedades contemporâneas? O filme não se propõe a responder tal pergunta, mas nos interpela sobre os modos mediante os quais crianças e adolescentes estão ingressando no mundo social.

Neste texto, proponho uma reflexão sobre como os processos comunicacionais, especificamente os midiáticos, participam da socialização dos mais jovens, no contexto brasileiro contemporâneo. Questiono em que medida os usos que meninos e meninas fazem da mídia permitem que eles se constituam como sujeitos. Ou seja, por quais dinâmicas seu consumo midiático engendra processos contemporâneos de socialização? O objetivo é oferecer ao menos duas perspectivas que possibilitem a compreensão das formas de articulação que emergem da complexa relação entre as crianças e os meios de comunicação, no âmbito da inserção social. Para tanto, colocarei em diálogo os resultados de duas pesquisas que realizei com base em objetos teóricos e empíricos distintos, mas que convergem para a compreensão de uma mídia extremamente ativa no reconhecimento das crianças como interlocutores da cultura e, portanto, alvo de seus discursos e ações.

Ao longo do texto, argumento a existência de pelo menos duas maneiras de as práticas comunicacionais atuarem na socialização de crianças na contemporaneidade: o consumo midiático e a produção midiática por meninos e meninas, cada vez mais interpelados por diferentes linguagens (de som, de texto, de imagem em movimento etc.). De um lado, defendendo que os produtos culturais oferecidos ao chamados pré-adolescentes carregam diretrizes sobre como ser e estar criança no mundo. De outro, argumento que as crianças usuárias de plataformas que lhes permitem produzir e publicizar conteúdos diversos constroem modos específicos de elas se inserirem no cenário social. Ao final, a reflexão permite enxergar ambas as práticas como domínios profícuos para a investigação da emergência de novas subjetividades infantis.

Considerando tais intenções, o texto se divide em três partes. Na primeira, faço uma atualização das discussões realizadas nos últimos anos sobre mídia e infância, privilegiando as percepções que vinculam sua relação com os processos de socialização. No segundo tópico, discuto de que modo o consumo midiático das crianças se insere em tais processos. E, no terceiro, abordo como a produção de conteúdo de meninos e meninas, especialmente na internet, sinaliza novos modos de eles serem reconhecidos nas sociedades onde estão inseridos.

## **Mídia, infância e socialização**

No dia 13 de julho de 2020, o Brasil comemorou os 30 anos de publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), um documento em que, pela primeira vez, o Estado brasileiro reconhece a condição de sujeito de todos aqueles menores de 18 anos. Embora pareça algo óbvio e corriqueiro, essa compreensão é tributária de uma série de disputas e conquistas que tornaram possível a diferentes sociedades, entre elas a brasileira, uma mudança no paradigma da concepção de crianças e adolescentes, que passam, em termos legais, de objeto de medidas judiciais a sujeitos de direitos. Entre as garantias concedidas aos meninos e meninas do país está, por exemplo, a de eles buscarem orientação e informação, se divertirem, se expressarem em suas crenças e opiniões e atuar politicamente. Tais direitos passam necessariamente pelos processos comunicacionais: assistir filmes e séries, conversar com amigos a distância, interagir por meio de conteúdos audiovisuais, expressar seus sentimentos a respeito de situações específicas, esclarecer dúvidas, brincar. Essas práticas estão alinhadas com o direito de participação, assegurado às crianças e adolescentes por meio da Convenção da ONU sobre os Direitos das Crianças (1989), documento do qual o Brasil é signatário.

O direito dos mais jovens à participação (social, política, cultural), cada vez mais defendido no âmbito das militâncias e das ciências sociais, não raro acaba por esbarrar em outro direito assegurado pelo mesmo documento: o de proteção. Ao mesmo tempo que se quer dar espaço às crianças para que se coloquem como cidadãos nas diferentes esferas da sociedade, percebe-se a necessidade de criar formas de protegê-las dos possíveis danos que podem emergir de tais dinâmicas. Em fevereiro de 2020, a Sociedade Brasileira de Pediatria, seguindo uma iniciativa da Organização Mundial de Saúde, publicou o Manual de Orientação: #MENOS TELAS #MAIS SAÚDE. Dentre as orientações está a diminuição (ou eliminação) das horas de exposição de crianças e adolescentes às telas de computadores, celulares e videogames, sob o risco de afetarem sua saúde física e mental.

O documento joga luz sobre uma preocupação que não é tão recente assim: a exposição dos mais jovens a novas mídias e linguagens. A publicação do livro *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang Goethe, levou os europeus a acreditarem que uma onda de suicídios estava diretamente ligada à leitura da obra do romancista alemão pelos jovens. A desconfiança a respeito dos supostos efeitos do cinema, da televisão, dos quadrinhos e da internet também levantou muitos debates ao longo do século XX (FACER, 2012; FREIRE FILHO, 2008). O ques-

tionamento feito é até que ponto tais conteúdos podem interferir e mesmo mudar o curso da socialização, ou seja, o modo como crianças e adolescentes vão se perceber no mundo.

Tais indagações suscitaram uma grande profusão de estudos sobre a relação da mídia com a infância, sobretudo na psicologia e na educação, na primeira metade do século XX, e nas ciências sociais como antropologia e sociologia, na segunda. As investigações realizadas no campo da comunicação, área em que realizo minhas pesquisas, ganharam mais impulso nos primeiros anos do século XXI com a emergência das tecnologias digitais, embora tenha se voltado para o fenômeno de maneira mais tímida nos últimos cem anos. No final dos anos 1920 e início dos 1930, os Mass Communication Research foram o caldeirão teórico de onde se originam análises imbuídas do interesse pelos efeitos dos meios de comunicação. Nesse contexto, foram publicados os Payne Fund Studies, em oito volumes. A exaustiva pesquisa conduzida, entre os anos 1929 e 1933, por psicólogos e sociólogos de diferentes partes dos Estados Unidos tinha como hipótese a ideia de que a frequência de crianças às salas de cinema acompanhando seus pais afetava individual e coletivamente seu comportamento, sinalizando um grave risco a seu desenvolvimento. Depois de um grande alarme, a noção de perigo foi se arrefecendo na medida em que as conclusões indicavam que a conduta dos mais novos resultava de mais variáveis (tradição, ambiente familiar, classe, práticas religiosas etc.), e não apenas de seu consumo midiático.

Apesar de o argumento ter perdido muita força, a influência da psicologia do desenvolvimento marcou muitos estudos realizados na área da comunicação ao longo de décadas, em que se procurava identificar o impacto dos meios de comunicação sobre o comportamento de meninos e meninas. A título de organização, podemos dizer que os estudos publicados sobre o assunto se dividem em dois eixos (TOMAZ, 2017). No primeiro, estão os trabalhos dedicados a pensar o que a mídia faz com as crianças, que compreendem as investigações sobre as representações das infâncias e das crianças e aquelas sobre os efeitos que sofrem a partir do consumo cultural. No segundo grupo, estariam as pesquisas voltadas a entender o que as crianças fazem com a mídia, as quais reúnem pesquisadores e pesquisadoras interessados em compreender os desdobramentos dos usos que os mais novos realizam da mídia.

Essa dualidade expressa, de certa forma, as disputas teóricas que ganharam substância especialmente na última década do século XX, quando duas vertentes sobre o assunto ganharam forma e força. De um lado, uma compreensão crítica da mídia, de viés estrutural, segundo a qual as crianças não estariam aptas para lidar com tais conteúdos, o que



afetaria uma maneira adequada de apreenderem o mundo, resultando em problemas como sexualização precoce, comportamento violento ou a própria perda da experiência da infância (POSTMAN, 1999; STEINBERG; KINCHELOE, 2001). De outro, pesquisadores entusiastas, menos influenciados pela psicologia evolutiva e mais pelas ciências sociais e pelas ciências cognitivas, insistem que os mais jovens são capazes de fazer leituras interpretativas de tais conteúdos, e não apenas reprodutivas (TAPSCOTT, 1999; 2010; PRENSKY, 2001).

Autores como Buckingham (2007; 2012) figuram entre aqueles que conseguem fazer uma interlocução entre as importantes contribuições de ambos os lados, propondo que tal consumo passa por uma negociação em que pesam os interesses tanto das crianças quanto das empresas de comunicação. Nesse sentido, não defendem nem o isolamento delas nem uma caça às bruxas da mídia, mas um aprendizado sobre como fazer uma leitura crítica de seus conteúdos (CHACÓN, MORALES, 2014; SÁNCHEZ-CARRERO, SANDOVAL-ROMERO, 2012), exercendo competências tanto para o consumo quanto para a produção e, assim, superando a condição de objetos de cuidados para serem reconhecidas como atores sociais, cidadãs (POYNTZ, HOECHSMANN, 2011). Essa compreensão enfatiza não o que falta às crianças, mas do que elas podem se valer para viverem e serem em um mundo organizado e, às vezes, dominado pelas lógicas midiáticas.

O robustecimento dos estudos que enfatizam essa agência das crianças e dos adolescentes é tributário do adensamento das pesquisas que emergem no âmbito da chamada nova sociologia da infância. Trata-se de um campo de estudos que nasce do questionamento do caro conceito de socialização, o conjunto de processos por meio dos quais cada indivíduo assimila os princípios e valores da sociedade em que está a fim de ser e agir dentro das expectativas de tal ambiente. Numa perspectiva durkheimiana, isso significava que a criança sofreria passivamente constantes intervenções de indivíduos e instituições adultos para se desenvolver adequadamente. Com importantes contribuições da antropologia, aumentam gradativamente, nos anos 1970 e 1980, estudos que revelam a competência de as crianças não só assimilarem, mas tecerem percepções particulares sobre o mundo à sua volta. Para compreender esses processos, Corsaro (2011) trabalha com o conceito de socialização interpretativa, segundo o qual as crianças reproduzem o cotidiano social levando em conta suas próprias leituras, apropriações, conveniências etc. Desse modo, a perspectiva de que elas podem apreender as dinâmicas sociais, por meio do consumo e da produção midiáticos, lançando mão de processos ativos, encontra na nova sociologia da infância esteio para se



constituir uma abordagem produtiva na compreensão da relação entre infância e mídia. Ao mesmo tempo que sinaliza a pluralidade das formas de os indivíduos, incluindo meninos e meninas, se inserirem no mundo social e nele agirem. Novos modos, portanto, de se socializarem.

O objetivo dessa revisão foi atualizar os enquadramentos teóricos que fundamentam as discussões realizadas a seguir, revelando de que modo é possível falar de processos de socialização no âmbito do consumo e da produção midiática das crianças. Nos dois próximos tópicos, apresentarei duas abordagens possíveis para pensar tais processos.

### **Consumo midiático e inserção social**

O consumo é uma prática social e cultural pela qual os indivíduos traduzem suas percepções de mundo e suas identidades, constituindo-se, assim, uma tecnologia de subjetivação, na medida em que comunica uma expressão de si (CANCLINI, 2006; CASTRO, 1998; FREIRE FILHO, 2007). Pensado no âmbito da infância, o consumo foi importante para conferir um lugar de notabilidade às crianças consumidoras. Depois da II Guerra, em busca por novos mercados, a indústria cultural ampliou suas ofertas para os mais novos (SCHOR, 2009), conferindo a meninos e meninas que estavam longe de ter seu próprio dinheiro vozes bastante audíveis.

O “direito” das crianças a consumir precede e prefigura de várias maneiras outros direitos legalmente constituídos. As crianças ganharam uma “voz” na seção de vendas a varejo, nos concursos de “faça-você-mesmo e dê um nome”, na escolha de roupas e nos planos de pesquisadores de mercado décadas antes de seus direitos serem declarados em contextos como a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança em 1989. A participação das crianças como atores no mundo dos produtos, como pessoas dotadas de desejo, fornece uma base ao atual e emergente status delas como indivíduos portadores de direitos. (COOK, 2004 apud BAUMAN, 2008, p. 84).

Além disso, o consumo – particularmente o midiático – confere novos papéis sociais às crianças, uma vez que elas acessam conteúdos antes restritos a outras faixas etárias, colocando-as, em certa medida, nos mesmos níveis de interlocução de adultos. Tomemos como exemplo um dado assunto a que tradicionalmente teriam acesso no ambiente familiar ou escolar, quando e como essas instituições escolhessem. Agora, pensemos nessa mediação feita por uma revista segmentada. A maneira

de se comportar diante de um menino não está mais restrita às instruções cadenciadas da mãe, das tias ou das avós para uma adolescente. Ela está disponível de outra forma, na Capricho, num blog, num canal do YouTube. É desse modo que os aparatos midiáticos podem ser pensados como novos espaços de socialização.

Foi a essa conclusão que cheguei em um estudo de caso da revista *Atrevidinha*<sup>1</sup>, endereçada a meninas entre 7 e 12 anos. A investigação fez parte de uma pesquisa maior que analisou diferentes produtos culturais voltados para os chamados pré-adolescentes com o objetivo de compreender como seus discursos convocam meninos e meninas a se deslocarem de uma identidade etária infantil para uma identidade etária juvenil (TOMAZ, 2019a). Inicialmente, procurei elencar as principais representações dos chamados tweens<sup>2</sup>, na grande imprensa brasileira. No entanto, os dados que vieram do campo convergiam curiosamente para um discurso muito regular: os anos que antecedem a adolescência deveriam ser usados para que meninos e meninas agissem sobre si mesmos a fim de construir uma identidade desejável no cenário contemporâneo. Para averiguar a hipótese, reuni uma série de produtos voltados a esse público especificamente, ofertados pelo mercado ao longo da década de 2010.

Nesse período, foram publicadas as histórias em quadrinhos *Mônica Jovem* (2008) e *Luluzinha Teen* (2009), versões adolescentes de conhecidos gibis protagonizados por duas meninas. De maneira sintomática, ambas as capas em suas primeiras edições traziam a chamada “Eles cresceram”, referindo-se ao grupo de personagens em torno de Mônica e Lulu. Entre os anos 2001 e 2010, a editora Rocco, por meio do selo *Jovens Leitores*, publicou uma série de cinco livros chamada *De menina a mulher*, assinada por Drica Pinotti, com a proposta de orientar as leitoras em sua saída da infância. No universo anime, foi lançado em 2008 o desenho animado *Meninas Superpoderosas Geração Z*, onde em vez de 8 anos de idade, Florzinha, Docinho e Lindinha passam a ter 13. No cinema, o filme *Ben 10 – Invasão alienígena* apresentou o famoso personagem animado com 15, e não 10 anos. Em 2010, Tim Burton lançou *Alice no País das Maravilhas*, que mostra a clássica protagonista de Lewis Carroll com 19 anos, em vez de 10, conforme a obra original de 1865.

---

1 A publicação mensal da editora Escala teve sua circulação descontinuada.

2 A palavra tweens vem da preposição inglesa *between*, que designa aquilo que está entre dois pontos. Os tweens seriam aqueles meninos e meninas entre a infância e a adolescência. O termo apareceu pela primeira vez na revista *Marketing and Media Decisions* (HALL, 1987) e acabou sendo incorporado pela mídia da América do Norte nos anos 1990 e, mais tarde, pela mídia brasileira, no início dos anos 2000. Paulatinamente, entretanto, foi substituído pela expressão em português “pré-adolescentes”, mais comum atualmente.

Foi nessa profusão de personagens infantis ganhando uma vida adolescente que encontrei a revista *Atrevidinha*, uma versão tween da então conhecida *Atrevida*, endereçada às adolescentes, ambas da editora Escala. Autointitulada “a revista da pré-adolescente”, *Atrevidinha* trazia discursos apresentados como uma espécie de rito midiático de passagem em que as leitoras eram convidadas a adotar gradativamente práticas que as inserissem em um lugar social diferente daquele assegurado por uma identidade infantil. A metodologia empregada na investigação foi uma análise de discurso, a partir de um corpus formado por seis edições da revista, publicadas entre os meses de setembro de 2009 e fevereiro de 2010, compreendendo as edições 65 a 70. Da análise de todo o conteúdo dessas edições, identifiquei três eixos temáticos da revista, que oferecem aos leitores prescrições de conduta fortemente associadas a uma adolescência bem-sucedida e, portanto, caminhos alternativos de socialização.

O primeiro eixo diz respeito aos ídolos. Seguindo o roteiro das demais revistas teen, *Atrevidinha* mantinha os ídolos na capa e lhes oferecia um lugar de estima nas cerca de 80 páginas da publicação. No período analisado, os cinco ídolos que mais apareceram foram: 1º) Selena Gomez, 2º) Jonas Brothers, 3º) Miley Cyrus, 4º) Taylor Swift e 5º) Demi Lovato, hoje bem distantes do universo das crianças. Com exceção da cantora Taylor Swift, todos os demais, à época, protagonizavam seriados no canal Disney Channel, com personagens que cantavam, dançavam e comumente tocavam algum instrumento.

Apesar de mostrar o glamour da vida desses artistas, a revista priorizava as narrativas biográficas em seus textos, procurando pontos de identificação com indivíduos comuns, ao dizer que Nick Jonas tinha diabetes, Taylor Swift havia sofrido muito com o bullying na escola e que Selena Gomez e Demi Lovato eram muito amigas e juraram nunca perder a amizade uma da outra por causa de algum namorado. Esse recurso discursivo aproxima as leitoras e fãs dos tipos subjetivos que estão sendo propagados por meio das figuras famosas. Se por um lado, os famosos produzem uma identificação, por outro, geram uma projeção (MORIN, 1989). Ao exibirem beleza, riqueza, felicidade, sucesso e superação de problemas, os ídolos visibilizam tipos subjetivos desejáveis para as sociedades em que estão inseridos (HOLLANDER, 2011; CONBOY, 2011). Tipos sobre os quais as leitoras podem se projetar, mesmo que não possam sê-lo. As celebridades, nesse sentido, ao encarnarem determinados valores, participam ativamente da produção de subjetividade (FRANÇA et al., 2014; FREIRE FILHO, LANA, 2014). Sendo assim, os ídolos de *Atrevidinha* ofereciam uma direção na qual as leitoras deveriam crescer ao enaltecer modos específicos de ser um ou uma adolescente.

O segundo eixo temático da revista é o corpo, tratado em suas páginas como uma entidade biológica, mental e emocional. No discurso de *Atrevidinha*, a beleza está constantemente associada à saúde, de modo que ser bonita é necessariamente ser saudável. Nenhum desses estados, por sua vez, é considerado virtude ou condição inata. Pelo contrário, ambos são tomados apresentados como resultado de um empenho, mesmo para meninas de 7 anos de idade. Elas são constantemente instigadas a assumir hábitos saudáveis, alimentação balanceada e comportamentos adequados a fim de alcançar um estado de bem-estar físico, psíquico e intelectual. Nas seis edições analisadas, não foram encontradas, por exemplo, indicações de dietas para emagrecer ou uso de cirurgias plásticas estéticas. Por outro lado, a incitação a um controle constante sobre a mente, as emoções e todo corpo é bastante presente nos textos publicados. Trata-se de uma socialização da experiência corporal, que confere aos indivíduos de maneira geral – e às crianças de modo intensamente particular – gestualidades necessárias para sua inserção no grupo social (LE BRETON, 2006). Tais discursos mostram uma condução do corpo dentro de certa norma e modelo, engendrada numa biopolítica, cujo exercício deve resultar na preservação da vida, por meio de um corpo bonito/saudável, forte, vigoroso, produtivo e vivo (SIBILIA, 2007; 2010).

O terceiro eixo que sustenta o aparato discursivo da revista é o amadurecimento. Localizadas num período de transição, as leitoras de *Atrevidinha* são instadas a assumir gradativamente responsabilidades para uma vida de responsabilidades que se aproxima. Nos textos, aparecem enunciados que indicam quais são as melhores formas de se deslocar de uma infância protegida e dependente para uma vivência mais independente e autônoma – uma trajetória que demanda das pré-adolescentes equilíbrio, perseverança e autocontrole. A busca pelo desempenho (LIPOVETSKY, 2007), nessa passagem, está nas mais distintas situações abordadas pela revista, desde as tarefas escolares até os momentos de lazer. Mesmo a diversão tem sua funcionalidade, é normalmente apontada como um meio para desenvolver aptidões. Diante dos muitos desafios a serem enfrentados, a publicação oferece farto material, boa parte testemunhal, que legitima a importância de persistir em realizar aquilo que parece impossível ou excessivamente dificultoso, o que aponta para o valor neoliberal da autorresponsabilização (EHRENBERG, 2010). Dependente de cada uma empreender estilos de vida que reúnam práticas necessárias às dinâmicas sociais prevalentes.

O estudo de caso mostrou que a convocação a que as crianças, particularmente as meninas, cresçam, amadureçam e adoleçam faz parte de um dispositivo profundamente eficaz. As referências de onde as

crianças devem partir para projetarem quem vão ser se baseiam cada vez menos no adulto (a professora, o pai e a mãe, o jogador de futebol, o astronauta) e cada vez mais na figura juvenil. E isso não é privilégio das crianças. A teenagização (KEHL, 1998; CALIGARIS, 1998) pode ser observada entre os mais velhos também. Isso é possível porque a avançada juvenilização da cultura (MORIN, 1974) oferece cada vez mais modos de estar e ser jovem no mundo. O período que compreendeu a II Guerra, bem como os anos que lhe sucederam foram marcados por uma disseminação sem precedente da figura do jovem (PASSERINI, 1996). Com a ascensão dos meios de comunicação de massa, as representações de uma juventude bela, saudável, vigorosa, hábil, forte e transformadora foram multiplicadas pela televisão, o rádio, o cinema e a imprensa (MORIN, 2005).

Ao estetizar os signos da juventude, as sociedades modernas tornaram seu vestiário, sua linguagem, sua força e sua beleza em expressões paradigmáticas (MARGULIS, URRESTI, 2000), potentes em processos de identificação e, nesse sentido, de socialização. Desvinculada da materialidade da idade, a juventude se constitui uma “estética do cotidiano” (SARLO, 2006), onde ser jovem importa menos do que ser como jovem. A aparência e o comportamento juvenilizados ficam, nesse sentido, à disposição dos mais velhos, chamados a rejuvenescer, mas também dos mais novos, chamados a adollescere. São duas faces de um mesmo discurso: sejam jovens! É o que poderíamos chamar de socialização antecipatória, práticas adotadas por meninos e meninas por meio das quais podem paulatinamente fazer a passagem de um grupo social para outro, valendo-se de artifícios como o vestuário, o linguajar, a aparência, as gestualidades (WIRDAHL, 2005). Há modos de ser como jovem, como um ou uma adolescente sem o ser de fato. Logo, a principal conclusão desse estudo foi a de que ser como jovem, ou seja, produzir uma estética juvenil, é uma forma de ser e estar criança no contexto analisado.

Considerando que a investigação não compreendeu um estudo de recepção, não se pode afirmar que as leitoras adotaram tais práticas (ou não). Esses discursos mostram de que modo os valores prementes de uma sociedade se inserem em seus produtos culturais e comunicam modos desejáveis de ser e estar no mundo, produzindo, nesse sentido, subjetividade. Os tipos subjetivos que emergiam das edições analisadas – seja por meio das celebridades, dos ideais de corpo ou das condutas aprovadas – evidenciam novos caminhos para as pré-adolescentes reconhecerem os valores, as gestualidades e as expectativas da sociedade. Ofereciam, nesse sentido, novas possibilidades de socialização.

## **Produção midiática e inserção social**

Neste tópico, apresento uma segunda abordagem para pensar a socialização no âmbito dos processos comunicacionais. Desta vez, lançando mão dos resultados de uma pesquisa que investigou a produção de conteúdo audiovisual, por crianças, na internet (TOMAZ, 2019b). Conduzi um estudo de caráter etnográfico<sup>3</sup> no universo dos youtubers mirins (meninos e meninas que chegam a ter 10 milhões de inscritos em seus canais do YouTube) com a intenção de compreender de que modo tais usos da plataforma de vídeo afetam a produção social da infância contemporânea. A condição de produtores de conteúdo, de modo algum, poderá ser descolada do consumo realizado por esses indivíduos, também chamados de prosumidores ou produusuários (WATSON, HILL, 2012, p. 242), um enquadramento possível graças às tecnologias e às linguagens que ampliam as possibilidades de uso das mídias, tornando consumidores em produtores. Dessa forma, a produção midiática realizada pelos mais novos também se configura um caminho para que se constituam no mundo social, para além dos modos tradicionais, uma vez que se deslocam de uma posição ordinária para uma de notabilidade.

Ao investigar o universo dos youtubers mirins no Brasil, identifiquei, pelo menos, três fatores que integram as condições de possibilidade para a emergência desse fenômeno. O primeiro deles é a presença ativa das crianças no espaço da internet. De acordo com a pesquisa TIC Kids Online, realizada pelo Cetic.br, 86% das crianças e adolescentes brasileiros entre 9 e 17 anos acessaram com frequência a internet, em 2018. O dado revela o crescimento gradativo da presença dos mais novos na grande rede de computadores, uma vez que, em 2017, o percentual foi de 85%; e, em 2016, de 82% (CGI.BR, 2017; 2018; 2019). Em levantamento que corrobora a densidade dos números realizado no ESPM Media Lab, Corrêa (2015; 2016) afirma que o número de canais voltados para o público infantil, no YouTube, saltou de 36, a cada 100, em 2015, para 48, em 2016. Em 2017, a lista dos maiores youtubers do mundo, publicada anualmente pela revista Forbes, trouxe, pela primeira vez, o nome de uma criança. O estadunidense Ryan, de 8 anos de idade, figurava na oitava posição. No ano seguinte, subiu para o topo graças a um faturamento de 22 milhões de dólares. Ele se manteve na primeira posição em 2019, quando a russa Anastasia Radzinskaya, de 5 anos, passou a integrar a

---

3 A amostra da pesquisa foi composta pelos dados colhidos dos canais Bel para meninas, Julia Silva, Juliana Baltar e Manoela Antelo e de eventos presenciais organizados para que elas encontrassem seus seguidores e fãs.

lista também. A volúpia dos números revela quão profícuo pode ser o âmbito digital na compreensão da emergência de novas infâncias.

O segundo fator identificado foi a busca por visibilidade como um valor premente da cultura contemporânea. A ideia de que a exposição das crianças na internet não passa de um desejo narcisista delas ou de seus pais mostrou-se simplista demais para dar conta da complexidade que tal fenômeno enseja. Como já discutido acima, os processos de socialização das crianças se constituem de modo interpretativo, de maneira que elas podem fazer uma leitura do mundo a sua volta e depreender o que é valorizado, estimado, desejado. Tais percepções são codificadas em seu repertório simbólico, através do qual ganham cores, sabores, imagens. As culturas infantis, nesse sentido, são gramáticas que traduzem o mundo em que as crianças vivem, e não as apartam dele. Benjamin (1994, p. 248) percebeu isso quando propôs uma breve história dos brinquedos. Para ele, a relação das crianças com tais objetos mostra como elas atribuem valor ao que percebem do mundo: “o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo”. É com essa compreensão que a busca por visibilidade ganha novos contornos. As crianças apreendem a importância que ser muito conhecido tem no cotidiano das sociedades contemporâneas e quão premiados são aqueles que isso conquistam, nas mais diferentes instâncias da sociedade (culinária, religião, política, cultura, indústria etc.).

Essa visibilidade – associada a vídeos patrocinados e à oportunidade de diferentes negócios – se torna um horizonte na direção do qual os mais novos realizam ações, ao mesmo tempo que funciona como uma chancela (se muita gente viu, está bom). Quanto mais pessoas virem, mais valor agrega. Ao conversar com as crianças, nas visitas de campo, percebi que não fazia o menor sentido para elas falar em resguardo da imagem em uma sociedade onde se vê gente, em todo tempo, em todo lugar, à procura de visibilidade. O conceito de imitação prestigiosa (MAUSS, 1974) pode nos ajudar a compreender melhor essa busca por ser alguém que está visível. De acordo com ele, desde tenra idade, identificamos nos grupos sociais em que vivemos quais palavras, gestos, aparências e posições são reconhecidamente valorizadas – razão pela qual nos baseamos nelas, muitas vezes, para fazer nossas escolhas sobre como nos constituiremos.

Em terceiro lugar, está a importância que ganham as temáticas do universo infantil ao serem deslocadas do âmbito privado para o público. Os vídeos exibidos nos canais analisados não falam sobre fases de desenvolvimento, alimentação, transtornos de comportamento, linhas peda-



gógicas ou adoção. Eles trazem temáticas que são caras às crianças que os protagonizam. Elas falam do seu dia a dia, do que brincam, com quem, como e onde brincam; mostram sua rotina escolar; registram viagens e momentos importantes de sua família; exibem brinquedos e demais produtos que ganharam em datas comemorativas ou que lhe foram ofertados por marcas interessadas em divulgação gratuita; fazem tour por seus quartos ou até mesmo pela casa toda; realizam brincadeiras e desafios com familiares ou amigos. Elas não estão fazendo nada que nunca fizeram. Mas, agora, estão fazendo para alguém ver, ou seja, a brincadeira se torna uma performance (SCHECHNER, 2006). Esses vídeos revelam como os usos que as crianças fazem da plataforma permitem tornar algo que costumava ser privado – a vida íntima delas – em público. É claro que os adultos também o fazem, nos mesmos moldes. A diferença é que tais práticas propiciam às crianças ter como referência de figuras exemplares outras crianças. Elas não precisam se projetar naquilo que poderão ser um dia ou em breve. “Eu posso ser um youtuber hoje”, diziam elas nas conversas de campo. “Não preciso ficar grande, nem adulta”. Diferentemente das crianças prodígios que ficavam famosas porque conseguiam fazer coisas como um adulto (cantar, dançar, interpretar, pintar, tocar), os produtores de conteúdo infantis o fazem da forma mais oportuna possível: mostrando elas mesmas, em sua vida cotidiana. Tais dinâmicas se baseiam em potentes processos de identificação que levam as crianças a visualizarem umas às outras em proporções geométricas, conferindo importância a temáticas e assuntos antes restritos ao domínio doméstico. Ou seja, a visibilidade que as crianças atingem por meio de assuntos do seu próprio universo – ainda que em formatos e linguagens oriundos do universo adulto – insere-as no espaço público da internet.

Essa interação é mediada por uma máquina, que contabiliza as visualizações, os likes e os dislikes e, por isso, permite a quantificação dessa presença on-line. Van Dijck (2013) chama de sociabilidade automatizada a possibilidade não só de quantificar, mas de gerenciar o grau de popularidade nos sites de redes sociais, atribuindo o mérito a um valor quantitativo que gera o qualitativo. O próprio YouTube presenteia com placas comemorativas os produtores de conteúdo que alcançam determinado número de inscritos em seus canais<sup>4</sup>. É, portanto, com um algoritmo que os usuários mensuram o valor de suas relações mediadas por computador nas plataformas. Couldry (2003) chamou de ritos midiáticos os processos pelos quais indivíduos se valem da mídia para realizarem a passagem de um lugar socialmente periférico (sem visibilidade) para um

---

4 Prata para 100 mil; ouro para 1 milhão; diamante para 10 milhões; e rubi para 50 milhões.

central (midiático). Ele propôs essa compreensão para investigar o reality show *Big Brother*, na Inglaterra, identificando como esse formato permitia tal trajetória. Embora ele estivesse falando de uma mídia eletrônica, a televisão, e não de uma plataforma de vídeos, sua percepção é válida na medida em que tanto em um domínio quanto em outro há uma lógica midiática que organiza a sociedade a partir de uma lógica de celebração. Quanto mais conhecido, quanto mais famoso, melhor a posição na hierarquia social. Ao mesmo tempo que os aparatos midiáticos imprimem essa visão de mundo, geram mecanismos para empreendê-la, ainda que não seja acessível a todos de igual modo.

O caso dos youtubers mirins exemplifica, de modo contundente, estratégias específicas por meio das quais as crianças visualizam e interpretam modos de ser e estar das sociedades e, assim, produzem visões de mundo que ora reproduzem ora questionam o status quo. A pesquisa deixa claro que, ao mesmo tempo que as crianças encontram formas de introduzir no espaço publicizado da internet temáticas antes restritas à sua vida doméstica, elas imediatamente precisam se submeter às lógicas corporativas e comerciais da plataforma para continuar a produzir uma existência visível. As oportunidades e os constrangimentos a que são submetidas demonstram fortemente que estão, de fato, se inserindo em uma estrutura social. Essa pode ser, portanto, uma outra abordagem para compreender as novas formas de socialização disponíveis às crianças na contemporaneidade. De um lado, o consumo midiático pelos mais jovens oferece bulas de comportamento associadas a determinados tipos subjetivos. De outro, a produção midiática em plataformas digitais permite a inserção social dos que atingem visibilidade. Embora por caminhos distintos, ambos os casos compreendem processos contemporâneos de socialização em que se manifestam novas subjetividades.

### **Considerações finais**

Todas as sociedades desenvolvem mecanismos de socialização, por meio dos quais elas poderão se reproduzir e, assim, continuar existindo. Isso significa, a cada geração, escolher o que deverá continuar, e o que não. No relato inicial sobre o filme *O capitão fantástico*, vemos uma família isolar os filhos em uma floresta para garantir que reproduzissem valores específicos, o que se mostrou, em certo ponto da narrativa, difícil de administrar. Sem estar preocupada com o mérito de tal escolha, tomei esse caso como ponto de partida para introduzir a questão que atravessa todo este ensaio. Em que medida os aparatos midiáticos afetam os processos de socialização das crianças na contemporaneidade? Ou seja, de

que forma atuam na reprodução das sociedades? Como permitem que determinadas visões de mundo tenham vida longa, enquanto outras parecem tão radicalmente extirpadas?

Sem uma resposta completa para essa problemática, apresentei duas dinâmicas em que tais processos se mostram possíveis, desde que os enxerguemos na perspectiva de uma socialização interpretativa, ou seja, que considere a agência das crianças. A primeira delas reside na noção de um consumo midiático que oferece modelos de conduta externos às tradicionais figuras exemplares do ambiente escolar e familiar. Modelos que não se limitam à encarnação em uma personalidade ou em um ídolo, mas se estendem a tipos subjetivos que carregam especificidades demandadas pelos arranjos sociais. A segunda se constitui a partir de práticas midiáticas que tornam viável a transição de um lugar socialmente periférico para um de relevância social, concretizando, por vias não tradicionais, a ocupação do universo social pelos mais novos. Ambas as perspectivas se mostram convergentes, na medida em que apontam para novas possibilidades subjetivas a que meninos e meninas acessam com cada vez mais intensidade.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BUCKINGHAM, David. Crescer na era das mídias eletrônicas. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BUCKINGHAM, David. Repensando a criança-consumidora: novas práticas, novos paradigmas. Comunicação, Mídia e Consumo, v. 9, n. 25, p. 43-72, ago. 2012.
- CALLIGARIS, Contardo. A sedução dos jovens. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 20 set. 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CASTRO, Lucia Rabello de. Infância e adolescência na cultura do consumo. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.
- CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de internet por crianças e adolescentes: TIC Kids Online 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.
- CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de internet por crianças e adolescentes: TIC Kids Online 2017. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018.
- CGI.BR. Pesquisa sobre o uso de internet por crianças e adolescentes: TIC Kids Online 2017. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.
- CHACÓN GORDILLO, Pedro; MORALES CARUNCHO, Xana. Infancia y medios de comunicación: El uso del método semiótico cultural como acercamiento a la cultura visual infantil. Ensayos, v. 29, n. 2, p.1-17, 2014.
- CONBOY, Martin. Celebridade na cultura tabloide britânica. In: TORRES, Eduardo Cintra; ZÚQUETE, José Pedro (Orgs.). A vida como um filme: fama e celebridade no século XXI. Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 123-148.
- CORRÊA, Luciana. Geração youtube: Um mapeamento sobre o consumo e a produção de vídeos por crianças. ESPM: São Paulo, 2016.
- CORRÊA, Luciana. Geração youtube: Um mapeamento sobre o consumo e a produção de vídeos por crianças. ESPM: São Paulo, 2015.
- CORSARO, William. The sociology of childhood. Los Angeles: Sage, Pine Forge Press, 2011.
- COULDRY, Nick. Media Rituals: a critical approach. London: Routledge, 2003.
- EHRENBERG, Allain. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.
- FACER, Keri. After the moral panic? Reframing the debate about child safety online. Discourse: Studies in the cultural politics of education, v. 33, n. 3, p. 397-413, 2012.

FRANÇA, Vera; FREIRE FILHO, João; LANA, Lígia; GUIMARÃES, Paula. (Orgs.). *Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008, p. 33-58.

FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE FILHO, João; LANA, Lígia. Pacto de visibilidade: mídia, celebridades e humilhação. *Contracampo*, v. 30, n. 2, p. 4-23, 2014.

HALL, Carol. Tween PowerZ: Youth's Middle Tier Comes of Age. *Marketing and Media Decisions*, p. 56-62, out. 1987.

HOLLANDER, Paul. A cultura da celebridade americana, a modernidade e a decadência. In: TORRES, Eduardo Cintra; ZÚQUETE, José Pedro (Orgs.). *A vida como um filme: fama e celebridade no século XXI*. Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 61-80.

KEHL, Maria Rita. A "teenagização" da cultura ocidental. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 20 set. 1998.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARGULIS, Marcelo; URRESTI, Mario. La juventud es más que una palabra. In: M. MORIN, Edgar (Orgs.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 2000, p. 13-30.

MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais. Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORIN, Edgar. *El paradigma perdido: ensayo de bioantropologia*. Barcelona: Editorial Kairós, 1974.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni, SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens*, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 319-382.

POYNTZ, Stuart; HOECHSMANN, Michael. Children's media culture in a digital age. *Sociology Compass*, v. 5, n. 7, p.488-498, 2011.

PRENSKY, Marc. *Digital natives, digital immigrants*. MCB University Press, v. 9, n. 5, out. 2001.

SÁNCHEZ-CARRERO, Jacqueline; SANDOVAL-ROMERO, Yamile. Keys to recognizing the levels of critical audiovisual reading in children. *Comunicar*, v. 19, n. 38, p.113-120, 2012.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SCHECHNER, Richard. "O que é performance?". In: SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduction*. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51.

SCHOR, Juliet. *Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010, p. 195-212.

SIBILIA, Paula. *Etéreas prisões do corpo: da alma (analogica) à informação (digital)*. In: CRUZ, Nina Velasco, QUEIROZ, André (Orgs.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 130-139.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TAPSCOTT, Don. *Geração Digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*. São Paulo: Makron Books, 1999.

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TOMAZ, Renata. *Da negação da infância à invenção dos tweens: imperativos de autonomia na contemporaneidade*. Curitiba-PR: Appris, 2019a.

TOMAZ, Renata. *O que você vai ser antes de crescer? Youtubers, infância e celebridade*. Salvador-BA: Edufba, 2019b.

TOMAZ, Renata. *Infância e mídia: breve revisão de um campo em disputa*. *Contra-campo*, v. 35, n. 3, p. 272-294, dez. 2016/mar. 2017.

VAN DIJCK, José. *The culture of connectivity: a critical history of social media*. New York: Oxford, 2013.

WÆRDAHL, Randi. 'May be I'll need a pair of Levi's before Junior High?': child to youth trajectories and anticipatory socialization. *Childhood*, v. 12, n. 2, p. 201-219, 2005.

WATSON, James; HILL, Anne. *Dictionary of Media and Communication Studies*. London: Bloomsbury Publishing, 2012.



**Renata Tomaz.** Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autora dos livros *O que você vai ser antes de crescer? Youtubers, infância e celebridade* (EDUFBA) e *Da negação da infância à invenção dos tweens: imperativos de autonomia da sociedade contemporânea* (Appris). E-mail: [renatactomaz@gmail.com](mailto:renatactomaz@gmail.com).

## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert  
*O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilip
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Gaciócia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos* – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Viências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling  
*Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke



- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatémica* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mari-nês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Cortêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Cando de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baito
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Rôber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattege e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schütz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandú: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiwá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como a ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariêlle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Braganholo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Liberdade* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsumção do trabalho ao capital: rumo à subsumção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Vigida: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakoozi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Kanny Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acauam Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Ângela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Rôber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver*– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica*– Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular*– Roberto Rafael Dias da Silva



UNISINOS